

A EXPOSIÇÃO DAS TENSÕES HUMANAS NAS NARRATIVAS DE DINORATH DO VALLE: UMA CAIPIRA COSMOPOLITA

Enedir Silva Santos – enedirss@hotmail.com

Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Diretora de escola – SEE/SJRP.

Vera Lúcia Guimarães Rezende – veralgrezende@gmail.com.

Doutoranda pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar as narrativas produzidas por Dinorath do Valle, autora que viveu toda a sua vida no interior de São Paulo e é praticamente desconhecida do mundo acadêmico e do público leitor. Embora tenha sido premiada em vários concursos literários e conste entre as autoras reunidas por Nelly Novaes Coelho em seu *Dicionário crítico das escritoras brasileiras* (2002), a produção de Dinorath ainda ocupa um lugar à margem, assim como o de muitas outras escritoras brasileiras. Para chegar ao mercado editorial, construiu para si a identidade de caipira, entretanto, sua escrita não se atém às temáticas do interior; é extremamente cosmopolita, abordando o cerne das tensões humanas, muitas delas frutos da violência simbólica assimilada cotidianamente, como definiu Pierre Bourdieu (2002). Depois de publicada, utiliza a ficcionalidade para dar voz a narradores e personagens que denunciam a miséria e a desigualdade da população brasileira de uma forma amarga e crua. À luz das ideias de Reis (1992) sobre o canôn, Dalcastagnè (2012) sobre o lugar ocupado pelas mulheres diante do mercado literário e Zolin (2009) sobre a literatura de autoria feminina, entre outros estudiosos, este trabalho propõe abordar a obra literária de Dinorath do Valle em *O vestido amarelo*, de 1976, com objetivo de evidenciar a qualidade temática de sua narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura feminina; Narrativa; Exclusão; Violência.

1 INTRODUÇÃO

A naturalidade com a qual os valores patriarcais norteados pelo que Bourdieu (2002) chama de violência simbólica, edificaram a sociedade brasileira fizeram com que se propagassem diversas ideias de limpeza, submissão, pureza e beleza que forjaram o estereótipo feminino e que estão ainda arraigadas ao pensamento, à cultura, ao comportamento e ao posicionamento dos brasileiros diante de questões que envolvem o ser mulher. Tais ideias, assimiladas por meio da violência simbólica implícitas em gestos, ações, ideologias presentes em nossa sociedade de múltiplas, estão naturalizadas no comportamento masculino, promovendo a cobrança a partir de um estereótipo do que seja ser mulher como forma única e fechada de se adequar e ser “politicamente correta”, pois como assevera Pierre Bourdieu, trata-se da “[...] violência suave, insensível, invisível a suas

próprias vítimas que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação ou do conhecimento” (BOURDIEU, 2002, p. 6).

Em entrevista concedida às professoras Susana Funck e Rita Schmidt, a professora norueguesa Toril Moi (2007) ratifica esse olhar com a observação de que basta que uma mulher seja reconhecida como tal para que o mundo a trate de maneiras completamente diversas, maneiras pelas quais não seria tratada se o mundo entendesse seu corpo como masculino.

Um rápido olhar pelo contexto social brasileiro evidencia que a observação de Moi continua latente: num mundo em que as diferenças se fazem cada vez mais expostas e o direito de vivê-las tem se tornado objeto constante de luta, o grande desafio é conferir a cada ser humano um ideal de respeito e dignidade por ser quem é. Tal visão articula-se com os resultados obtidos por Regina Dalcastagnè (2012), que pesquisou a representação feminina sob o olhar masculino que prevalece no mercado editorial brasileiro.

Na verdade, abordar literariamente questões que envolvem os que estão à margem da sociedade - negros, mulheres, pobres, favelados, homossexuais, refugiados - é um meio de diminuir e, a longo prazo, extinguir comportamentos ofensivos e discriminatórios, além de ocupar espaços que lhes foram negados. Segundo Reis (1992), não é difícil perceber que entre as obras da literatura ocidental há exclusão de grupos sociais, étnicos e sexuais do cânon literário. O grupo de obras selecionado pela elite letrada, conduzido por valores patriarcalistas, atua como modelo a ser seguido, porque são assimilados como inquestionáveis, atemporais, universais e perenes.

Há poucas mulheres, quase nenhum não-branco e muito provavelmente escassos membros dos segmentos menos favorecidos da pirâmide social. Com efeito, a literatura tem sido usada para recalcar os escritos (ou as manifestações culturais não-escritas) dos segmentos culturalmente marginalizados e politicamente reprimidos – mulheres, etnias não-brancas, as ditas minorias sexuais, culturas do chamado terceiro mundo (REIS, 1992, p 73).

Talvez as perguntas para esse panorama apresentado por Reis sejam: essa ausência é sentida pelos leitores? Eles percebem que são representados por uma camada específica e dominante? Talvez a resposta seja não. Como o próprio autor acrescenta, este quadro se explica pelo fato do cânon estar impregnado pelo patriarcalismo, arianismo e a moral cristã, os pilares que sustentam o saber ocidental. “O cânon está a serviço dos poderosos, estabelecendo hierarquias rígidas no todo social e funcionando como uma ferramenta de dominação” (REIS, 1992, p 72).

O que ocorre é que um fio puxa outro: representados por uma camada específica e dominante, os lugares pré-determinados de cada um continuam sedimentados, ou seja, as mulheres continuarão a ser vistas pela ótica masculina; os negros como representantes da marginalidade e

tantos outros papéis que lhes são atribuídos. Como este trabalho visa tratar especificamente da literatura produzida por mulheres, observamos que no Brasil a presença feminina é ainda hoje, visivelmente menor que a masculina.

Conforme as pesquisas da professora Regina Dalcastagnè (2012), de um *corpus* de 165 autores publicados por grandes editoras de 1990 a 2004, 120 deles são homens, embora o rol de escritoras brasileiras seja muito mais amplo e muito menos acessível do que o leitor imagina. Nelly Novaes Coelho (2002), em seu *Dicionário crítico das escritoras brasileiras (1711 a 2001)*, reuniu 1.401 escritoras brasileiras e estrangeiras aqui radicadas, ou seja, não faltam autoras, mas falta quem as publique. Os números falam por si e representam, no caso desse trabalho, um contingente de mulheres à margem do território literário; poucas são lidas, raras são estudadas e assim vão se tornando nomes perdidos no tempo e no espaço.

Desse modo, entendendo a literatura como um território a ser conquistado, percebe-se que estar inserido nele e ser reconhecido como parte do cânone confere visibilidade àqueles que estão segregados das grandes editoras ou dos grandes centros, por isso o território literário pode ser considerado um espaço de disputa, termo utilizado por Dalcastagnè (2012). Assim, a literatura de autoria feminina contribui para a representação da mulher porque confere voz e visibilidade a questões que foram assimiladas pela ótica de quem as vivencia: “O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar *em nome* deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 17, *itálicos do original*).

Sabe-se que o panorama literário brasileiro é, desde seu surgimento, um dos nichos de representação da androgenia colonizada que formou desde sempre nossa sociedade, se configurando como um patamar praticamente dominado por escritores do sexo masculino. Parece redundante usar o substantivo escritor e ainda enfatizar o gênero com o adjetivo masculino, entretanto, essa naturalidade em assimilar o masculino como padrão é consequência da veiculação da visão e da voz masculina propagadas pela literatura, pela imprensa, pela religião, pelas artes e por quaisquer formas de comunicação que influenciaram e influenciam grandemente a forma como a mulher era e ainda é encarada pela sociedade.

Isso ocorre porque com a predominância de escritores, a representação das figuras femininas estava condicionada ao lugar ocupado pelo homem, um lugar de poder que se não exclui a mulher, a reduz a uma série de estereótipos que preenchem o ideal de submissão, beleza, postura e valores que restringem o feminino ao coadjuvante masculino. De acordo com a professora Lúcia Zolin, a ocupação feminina desse espaço de poder que é o campo literário constitui um ganho para a representação da mulher brasileira, principalmente porque ao invés de encaixar-se no estereótipo

evocado pela voz masculina, ela pode se sentir representada por autoras que, como ela, transgridem a cultura patriarcal/machista.

A considerável produção literária de autoria feminina, publicada à medida que o feminismo foi conferindo à mulher o direito de falar, surge imbuída da missão de “contaminar” os esquemas representacionais ocidentais, construídos a partir da centralidade de um único sujeito (homem, branco, bem situado socialmente), com outros olhares, posicionados a partir de outras perspectivas. [...] A noção de representação, nesse sentido, se afasta de sua concepção hegemônica, para significar o ato de conferir representatividade à diversidade de percepções sociais, mais especificamente, de identidades femininas antipatriarcais (ZOLIN, 2009, p. 106).

Logo, compreende-se que a mudança de olhares passa por uma construção atrelada ao empoderamento das minorias e dos marginalizados, no caso, das mulheres e, especificamente, da professora, jornalista e escritora Dinorath do Valle, a respeito de quem reina um silêncio quase absoluto no campo acadêmico. Nascida em Itápolis, interior do estado de São Paulo, residiu durante toda a vida em São José do Rio Preto, cidade polo regional do noroeste paulista. Em entrevista à jornalista Vera Lúcia G. Rezende (2003), um ano antes de sua morte, Dinorath do Valle, professora de formação, admite que seu esforço pessoal e seu talento natural a prepararam para a arte de contar histórias: “Eu não tinha informação nenhuma. Eu nunca fiz faculdade. Eu sou autodidata. Eu sempre gostei muito de ler” (2003).

As narrativas escritas pela autora paulista se referem ao dia a dia dos moradores de sua cidade, à rotina da sala de aula, à situação de exclusão dos que moravam na periferia urbana do interior e estavam à margem da sociedade, numa época em que nenhuma ascensão social lhes era possível. Uma realidade conhecida da autora que fazia questão de se afirmar gente do povo: “Sou caipira, sou mulher de vila, nenhuma ascensão social há de me tirar esses títulos” escreveu na orelha de seu primeiro livro publicado *O vestido amarelo* (1976).

Dinorath do Valle publicou narrativas de vários gêneros – romances, contos e crônicas - além de literatura infantil, pelas quais foi agraciada com 14 prêmios de literatura nacionais e internacionais, entre eles 1º lugar no II Concurso Nacional de Contos do Paraná, categoria estreante em 1968; Prêmio Governador do Estado de São Paulo em 1971; Prêmio Casa de Las Américas, em Cuba, com o romance *Pau Brasil*, em 1982. Mesmo diante da amplitude da atuação da escritora, a fortuna crítica acerca de seus escritos é praticamente inexistente, suas obras desconhecidas dos leitores. Essa constatação contribui para a ideia de que quanto menos se publicam obras de cunho feminino, menos esse público se sente representado e, consequentemente, além de menos visibilidade, menos proposições de reflexão sobre o ser mulher são lançadas na sociedade. Desse

modo, as considerações de Dalcastagnè (2012) nos levam a refletir sobre a legitimação desse lugar de fala que é o texto literário e o quanto a ocupação que a voz feminina deveria fazer dele atuaria como contribuição para o empoderamento da mulher.

2 DINORATH DO VALLE: NEM ESCRITORA CAIPIRA, NEM CAIPIRA ESCRITORA

As múltiplas atividades desenvolvidas por Dinorath revelam que sua formação é fruto de uma dedicação árdua às letras e à vontade de aprender, fatores que evidenciam também uma formação humana que não se acomoda com o destino que lhe parece traçado, mas, ousadamente, o desconstrói. A trajetória da escritora poderia facilmente se confundir com a de outras tantas brasileiras, advindas de lares empobrecidos, às vezes, miseráveis, com instrução escolar deficitária, quando não inexistente. Tratando-se de mulheres, esse cenário era bastante corriqueiro no Brasil de meados dos anos 1920 a 1980, em que bastava às mulheres que fossem donas-de-casa respeitáveis ou ocupassem lugares pré-determinados e inofensivos para a manutenção da visão patriarcal na sociedade, como professoras por exemplo.

Autodidata, Dinorath do Valle desempenhou inúmeras funções embasadas pelo verbo ousar, visto que cada uma rompia além das barreiras econômicas, também a do gênero. De acordo com o capítulo “A crônica do dia: Dinorath do Valle nas ondas do rádio” de Vera Lúcia Guimaraes Rezende (2006), a autora por meio de seu talento para a escrita tornou-se jornalista, cronista, roteirista e historiadora, alcançando um lugar relevante para o desenvolvimento literário e cultural da população de São José do Rio Preto. Todavia, o verso de Fernando Pessoa “O poeta é um grande fingidor” encaixa-se perfeitamente no perfil traçado por ela para ocupar o lugar de escritora na cena literária brasileira, haja vista a ironia de suas palavras ao tecer considerações sobre sua trajetória.

Ninguém quis me publicar em livro até o mês passado. Agora a Artenova está com um, de contos, já composto. Foi Odylo Costa, filho, que me levou lá. Recebeu **pelo correio** um original meu mais uma carta e colocou o livro na Editora. Sou dos “novos”. Com 49 anos sou o broto literário do Brasil. Que os novos se cuidem com o atraso! (VALLE, 1976, orelha de livro, negritos da autora).

No trecho acima, retirado da orelha de seu livro de estreia, *O vestido amarelo* (1976), a autora ironiza o fato de escrever desde 1940, possuir considerável volume de textos, inclusive muitos deles premiados e não ter conseguido publicá-los. Tal situação é ratificada pela exclusão denunciada pelos apontamentos de Dalcastagnè (2012) de que o mercado literário brasileiro é opressivamente

masculino e exclusivista, predominando a voz do homem branco, dos grandes centros urbanos do sul e sudeste.

Se o mercado literário era dominado por essa camada determinada, como poderia uma mulher, interiorana, sem graduação, lhe ocupar? Ciente desta situação, a escritora participava de concursos literários usando um artifício para não ser identificada como mulher: “Eu sempre coloquei nos concursos, que eu participei, pseudônimo de homem porque seguro morreu de velho. Todos os juízes são homens. Mulher é assim como se fosse um preto na Globo, só de vez em quando. Eu sempre pus um pseudônimo, Sartoris”, revelou em depoimento gravado em 2003. Simone de Beauvoir (1949) em seu *O segundo sexo* evidencia a desnaturalização da mulher como um processo de formação de identidade, processo análogo ao que Dinorath faz, visto que ela monta sua identidade de escritora a partir de uma imagem que agradaria ao mercado literário.

Eu sou a Dinorath, assim mesmo com th, só porque o tabelião quis. Nasci em Itápolis, cidade fundada pelo avô de meu pai. Apesar dessa origem pioneira, sempre vivi em São José do Rio Preto, em casa de três ou quatro cômodos, nos bairros distantes, casa com poço e um bico-de-luz. Cresci, aprendi a ler e a escrever pelo beabá. Li, estudei, li, casei, descasei, li, tive 3 filhos, li. Tudo junto com escrever. Escrevi sempre, publiquei minha primeira crônica aos 16 anos. Ninguém me deu dica nenhuma, li a esmo, loucamente. [...] Sou caipira, sou mulher de vila, nenhuma ascensão social há de me tirar esses títulos, eu não vou deixar, já não deixei, é tarde, tenho 49 anos. Três filhos, moro sozinha, com meus livros, meus discos, minhas palavras. Vivo intensamente, faço questão. Quando digo **vivo**, leia **vivo**, com tudo o que viver contém [...] (VALLE., 1976, orelha de livro, negritos da autora).

A autodescrição de Dinorath envolve um ir e vir de contradições, matéria que compõem todos os seres humanos, mas que numa escritora evidencia também o processo de ficcionalização, no caso da mulher que demorou 26 anos para ver seus textos publicados, da própria entidade que é o autor ficcional. A princípio, ela se abstém de tudo que poderia ser entendido como sofisticação, o th do nome, o pioneirismo de ter em sua família o fundador de uma cidade, até a ascensão social alcançada em sua comunidade, por além de escrever, ser reconhecida pelas crônicas veiculadas na rádio Independência AM.

Todavia, não consegue afastar tais características por completo. A leitura e a escrita forjaram uma escritora decidida e ousada: observe-se que em sua trajetória, a voz da mulher, pobre, caipira, separada ecoa na luta pela conquista dos espaços e reconhecimento, essa luta constitui por si um desvio na postura de simplicidade e submissão, estas sim populares para a década de 1970. Ela não se abstém de viver com tudo aquilo que o viver contém. A ratificação desse perfil de mulher à frente de seu tempo pode ser encontrada não apenas nas narrativas construídas por Dinorath, mas também nas constatações de Coelho (2002, p. 161), em que a estudiosa se refere à autodescrição.

Por esse testemunho lúcido, crítico e corajoso, pode-se aquilatar a garra da escritora e a força de sua escrita. Visceralmente alimentada de brasilidade, humanismo, universalismo e contemporaneidade, a ficção de Dinorath do Valle expressa as mais autênticas conquistas do moderno e do pós-moderno (os jogos experimentalistas de linguagem, a ruptura do tempo-espaço linear, a redescoberta do passado nacional e denúncia dos males presentes através da glosa ou da sátira, o humor que neutraliza o trágico, o erotismo como contingência da condição humana, etc.).

A imagem veiculada por Dinorath para ser inserida no mercado editorial é contradita a cada temática e metáfora empregada em suas narrativas. Nelas, irrompem situações de violência que se configuram uma afronta à sociedade e aos valores que se queria instituir na época. Fluem pelas veredas do texto ficcional um quê de punição para aqueles que ousam desafiar as regras – para o leitor que se atém à superficialidade, a face do lago parece estática e calma – para aqueles que ousam mergulhar, as profundezas do rio estão tomadas pelo lamaçal da pobreza, da violência psicológica, da exploração da sexualidade, entre outros motes. As narrativas de Dinorath do Valle exploram a crueza social de formas muito subjetivas: como se o narrador fosse jogando-nos durante toda a trajetória dos contos, migalhas da miserável situação e condição humana. Pode-se dizer que a violência brota do cotidiano e vai marcando o trajeto: o narrador semeia e as personagens colhem o insucesso.

2.1 A TRINDADE SEGUE A SINA: POBREZA QUE INCOMODA

No conto “O compromisso”, a sucessão de metáforas abrange um dia de uma lavadeira preta em que o peso das trouxas de roupa representa o peso dos dias e rege uma vivência de trabalho duro e inadequado. Sobre Mercedes, a personagem protagonista, o narrador nos diz “Sentiu o mundo repentinamente estranho e em mutação, ela própria incômoda como uma roupa mal lavada, um lençol estático entre cúmplices do vento” (VALLE, 1976, p. 150) A narrativa de duas páginas é construída numa sucessão gradativa de vocábulos que evidenciam e ratificam os efeitos da pobreza e o incômodo causado pelo pobre: tudo ao seu redor é escuro, frio e ausente de sentido, apenas uma repetição diária que culmina na sobrevivência.

Nessa construção, cada elemento componente da narrativa possui papel intensificador, o que observamos, exemplarmente nas características dos elementos espaciais, “O céu estava sério em chumbo, tapas de ventos debatiam peças em golpes secos [...], A porta fechada guardava escuridões. [...] O céu em rotunda envolveu Mercedes, velho teatro, velho texto. [...] As casas tinham as portas fechadas” (VALLE, 1976, p. 150-151).

Entre a narrativa de Valle e a história cristã do nascimento de Jesus se estabelece uma relação intertextual. Ambas narram a história de um casal pobre e trabalhador que migra pela cidade

quando a mulher entra em trabalho de parto e tem a criança num leito improvisado, na narrativa de Dinorath um amontoado de jornais na garagem de uma das casas em que ela entrega roupa. O nascimento de ambas as crianças prenuncia a trágica trajetória de pobreza, se Jesus foi crucificado pela fé que pregava, o recém-nascido do texto da autora carrega o infortúnio de ser incômodo, de já nascer marcado pela marginalidade.

Transpôs o intransponível como uma convidada, viu-se na garagem de paredes belas em pedra e plantas, ajeitou-se. Havia jornais que se tornaram macios ao toque do corpo que continha. Gentilmente estenderam manchetes para marcar a criança. A porta recebia o céu de visita abrindo-se em estrelas. Ela cuidou de ser discreta, como sempre, realizando tarefas sem alarde. Terminou e cobriu o menino. Títulos azuis contavam de alguém que morreu há poucas horas. Mercedes não leu. Nem a criança, que já tinha no peito letras, sinais estrangeiros [...]. As casas tinham as portas fechadas. Mercedes ria aos solavancos. O menino chorou pela primeira vez, não foi ouvido. [...] (VALLE, 1976, p. 151).

A vitrine em que as três personagens estão expostas pelo narrador onisciente revela três seres humanos fadados ao destino de marginalidade, em que as portas estão fechadas, as ruas silenciadas e a vida segue sem testemunhas oculares das desgraças alheias. O olhar do narrador está direcionado ao incômodo constante da existência de Mercedes e, posteriormente, para o seu filho. Nesse caso, nota-se que mesmo diante do delicado momento do parto, ela é uma inadequada, uma indesejada.

Juntos no portão branco anunciaram Mercedes desdobrando-se, campainha em sinos.
-- É a Mercedes.
-- Outra vez?
-- Não, isso não.
-- Não podemos.
-- Diz que não tem lugar.
-- Onde já se viu? (VALLE, 1976, p. 151)

Como parturiente, a personagem carrega em seu corpo não apenas outro corpo, mas a miséria que será repassada, ou seja, a personagem é a desmistificação do mito materno: mais do que dar a vida, ela representa a porta de entrada de mais um indesejado para a sociedade, um excluído invisível. Desse modo, o que Dinorath veicula em sua narrativa é uma denúncia da invisibilidade do pobre, mais um indesejado pronto a reproduzir a sina de seus pais.

2.2 DA RELAÇÃO, A VIOLÊNCIA: ENTRE IRMÃOS

A violência é uma temática recorrente nas narrativas que compõem *O vestido amarelo* (1976) e brota dos lugares, aparentemente, mais inocentes. Entretanto, surge como uma subjetiva punição

pelo existir humano ou pelo papel que cada um assume na realidade. No conto “O irmão” pela voz do narrador onisciente, o leitor entra em contato com uma ironia quase sarcástica que é evidenciada durante o velório de um menino. Na espetacularização do velório, o narrador denuncia os meandros desse encontro social em que um misto de sentimentos eclode: dor, curiosidade, saudade e memórias.

Ao redor da mesa ficavam as cadeiras, as da casa e outras mais claras, de palhinha, deviam ser emprestadas. Estava sentada numa e a palhinha deixava marcas nas pernas, todos que sentavam saíam cheios de marquinhos. E a mesa bem arrumada pareceu-lhe de repente a do jantar festivo, com a toalha de renda e a grande travessa de assado esperando a trincha. Sacudiu a imagem e o sono que des governava a cabeça. Ela pendia, minuto a minuto sobre o peito como uma fruta de cabo quebrado (VALLE, 1976, p. 51).

No trecho acima, o narrador sentencia “todos que sentavam saíam cheios de marquinhos”, ou seja, todos que nasceram, levarão suas marcas até o final. Sejam convivas de um jantar ou estejam velando uma criança. Ambos os eventos sociais são na verdade reuniões de seres humanos esforçando-se para sobreviver: nenhum deles inocente.

Neste cenário, misto de festa e de dor, surge a personagem protagonista: a irmã do menino. Como alguém da família, mesmo uma criança, espera-se que a dor seja pano de fundo dessa relação, mas não é isso que acontece. A imagem de fragilidade e sofrimento ilude a todos, “Soluçou uns gemidos cavos e as pessoas da sala sentiram-se eco: -- Coitada, essa aí queria tão bem o irmão...Até agora não dormiu nem comeu nada. Coitadinha...” (VALLE, 1976, p. 52). Entretanto, ao focalizar as memórias da própria menina, o narrador desconstrói essa imagem.

A protagonista inominada transita pelo cenário do velório relembrando a convivência com o irmão. Esse rememorar envolve questões implícitas que parecem ora estar ligadas a uma possível relação incestuosa entre os irmãos, ora à morte do menino. O fato é que a ideia de inocência e fragilidade é quebrada pela manipulação constante dos eventos em torno do menino morto e que são denunciadas pelo narrador.

Teve um dia em que ele ficou na enxurrada fazendo barreiras para empoçar e perdeu a camisa e ela tinha ido contar na hora que o pai chegou do serviço. E o pai esperou ele de cinta na mão e deixou as costas molhadas cheias de listras vermelhas e ele mijou nas pernas de susto. E a mãe levou-o depressa ao bacião de água quente, lavou a urina e o sujo, embrulhou-o na coberta de flanela. Ele soluçava tanto que o pai exigiu que se calasse. O silêncio era audível e palpável e enquanto a mãe fazia um chá ele já estava dormindo e soluçando embutido. E a qualquer pequeno ruído estremecia os braços com gestos fantásticos de inseto moribundo. (VALLE, 1976, p. 52)

A convivência entre irmãos é marcada pela revelação da postura de cada um, o menino assume a fragilidade em vários quesitos: saúde, relação familiar, enquanto a menina é a manipuladora. A partir da aparência e do comportamento das crianças se fortalece a imagem de inocência e dedicação, no entanto, a voz do narrador denuncia que o menino era alvo da crueldade da irmã.

Os irmãos dormiam, já tinham cansado de se mostrar perto do caixão. Mas ela queria ficar até o fim, queria e lhe vinham coisas estranhas na cabeça, frases que gostaria de espantar, como aqueles urubus que comeram o Joli?

- Bem feito que morreu!

- A cama dele fica pra mim, o colchão dele é melhor.

- A bolsa de escola de couro, a mãe me dá...

- Ele foi para o inferno: xingou Deus. (VALLE, 1976, p. 54).

A palavra-chave desse conto é a manipulação: a crueldade implícita vinda de uma menina aparece salpicada também por certo tom de maldade do narrador que não hesita em utilizar metáforas e ironias para manifestar desprezo pelas personagens e relações, como observamos nos trechos abaixo:

A mãe soluçava agora como uma loba privada de sua cria e balançava a cabeça com gestos de embalo, recordando momentos antigos inidentificados. Pessoas saíram devagar da sala e pessoas entraram, ensacadas num falso recolhimento, indo até o caixão para apreciar a face do morto, seu traje e o arranjo das flores. (VALLE, 1976, p. 52)

Mas ele não era santinho, ficou com vontade de avisar que é pecado ajoelhar pra quem não é santo. [...] E quando fecharam a tampa, parou de ver a cara dele e sentiu moleza e sono. A mãe começou a gritar e a se agarrar na tampa e o pai veio puxá-la para largar o caixão. Ela devia ter gritado de noite, agora ficava ruim ficar atrasando. (VALLE, 1976, p. 54)

As manifestações dessas múltiplas manipulações estão em toda a narrativa, implícitas nos comportamentos descritos e emanando, exalando hipocrisia e sentimentalidade na composição do ambiente, causando um desconforto no leitor que não consegue preencher lacunas, o que o faz também espectador dessa violência. Questões brotam a cada linha: por que essa menina se comporta desse jeito? O que houve entre ela e o irmão? Trata-se de um jeito diferente de encarar a dor da perda?

Quando tudo ficou vazio e sujo, ficou também aquele cheiro de rosa murcha e vela de sebo que encheu o sem-ninguém-vendo. Perdeu-se, entrou no quarto mas sua cama estava ao lado da cama dele que fazia gestos de inseto em cima dela. Saiu para o quintal e foi para a mangueira que tinha cama de folhas secas sempre arrumada. Deitou-se de barriga para cima e as folhas riram sozinhas. Lá do céu viajavam as nuvens e Deus dava chineladas. Sentiu-as nas faces, implacáveis, tão

fortes que lhe machucaram os olhos que vertiam lágrimas vermelhas, doíam como corte de caco de vidro. Enxugou-as depressa na manga do vestido e Deus fez a mágica, não deixou que manchassem. Abraçou o irmão que estava nas folhas, com paixão, respirou-o, bebeu-o, riu e babou até sentir seus dedos.

-- Bonito teu cabelo!

Abriu os olhos lentamente. O mundo era metade azul, metade verde. Além, uma mancha preta. O gato estava olhando. O gato sabia. (VALLE, 1976, p. 55).

Ele, frágil e adoentado garoto, sofrendo as consequências das artimanhas da irmã, ela, manipuladora e cruel, articulando situações que talvez possam ter conduzido o irmão à morte. Não há resposta para as questões anteriores, assim como não há comprovação de uma ou outra ideia. Esse hiato incômodo perdura até o fim da narrativa e encerra-se no silêncio do gato.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prosa produzida por Dinorath do Valle propõe diálogos interessantes a que a maioria dos leitores não tem acesso, visto que mesmo diante das premiações, de sua presença no rádio, ela não chegou ao grande público leitor. Mesmo retratando questões densas, seu texto não deixa de nos remeter a um sentimento interiorano, seja na descrição dos velórios, seja na pertinência da construção das personagens. A narrativa da autora em *O vestido amarelo* parece ser uma daquelas nuvens densas e pesadas, prontas a desabar sobre nossas cabeças. Embora ameça constante, parece perscrutar o momento de descuido para nos encharcar com seus pingos grossos e doloridos, dos quais não conseguimos escapar.

Cada palavra compõe um panorama de escuridão que desnuda as várias nuances das relações humanas, seja desconstruindo o mito de maternidade como um momento de sublimação, seja na maldade que se apresenta pelas ações de uma criança. Aliás, as personagens são mulheres do povo, meninas-irmãs, pais agressivos ou alheios à vida que passa, meninos indefesos; entretanto, há um fio que os une: são todas personagens vítimas da violência das relações.

Nas narrativas, a autora explora as relações humanas naquilo que parece mais abominável e aproxima o leitor das condutas pautadas nos maus tratos e nas manipulações a serviço de múltiplas formas de violência.

Não há vestígios de arrependimento ou reflexões, somente uma sucessão de ações que desemboca num ambiente de crueza e inadequação, em que as personagens nada mais são que alegorias do cotidiano, como nos mostrou o narrador de “O irmão”, todos saem marcados. A crueza exaltada na narrativa de Dinorath é o sumo das vivências sofridas de cada brasileiro, cuja boca ou palavras da autora, também jornalista, não poderia denunciar sem colher frutos tão amargos quanto o menino que nasceu pobre e marcado para ser incômodo.

Enquanto autora ficcional, ela cria para si própria uma identidade aceitável para o mercado editorial brasileiro e depois de publicada, usar a voz de narradores e personagens para denunciar uma infindável pobreza que vitimou e vitima os brasileiros, tornando fel a existência num contingente de desigualdades. Eles podem julgar, punir, ser punidos ou sair do abandono, entretanto, essas são chagas que os marcam eternamente.

4 REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Kuhner. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

COELHO, Nelly N. **Dicionário crítico das escritoras brasileiras: (1711 a 2001)**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

FUNCK, Susana B.; SCHMIDT, Rita T. Liberdade, justiça e igualdade para as mulheres: uma entrevista com Toril Moi. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, nº 1, jan.-abr. 2007, p. 107-22.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, J.L. (org). **Palavras da crítica. Tendências e conceitos no estudo da Literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. Pp. 65-92

REZENDE, Vera L. G.. A crônica do dia: Dinorath do Valle nas ondas do rádio. In: **Independência 1290 AM, a rádio eclética da cidade: A história de uma das mais importantes emissoras do interior do Brasil**. São José do Rio Preto: Color Rio, 2006.

VALLE, Dinorath. **Depoimento história de vida**, [julho de 2003]. Entrevistadora Vera Lúcia Guimarães Rezende. São José do Rio Preto/SP. 2 cassetes sonoros (120 min).

VALLE, Dinorath do. **O vestido amarelo**. São Cristovão: Artenova, 1976.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105 - 116, jul./dez. 2009.

Title

The exposition of human tensions in narratives of Dinorath do Valle: a cosmopolitan caipira.

Abstract

The objective of this work is to present the narratives produced by Dinorath do Valle, an author who lived all her life in the countryside of São Paulo and is practically unknown to the academic world and the readership. Although she has been awarded prizes in several literary competitions and is among the authors reunited by Nelly Novaes Coelho in her *Dicionário crítico das escritoras brasileiras* (2002), Dinorath's production still occupies a place on the fringes, as do many other Brazilian writers. In order to reach the publishing market, she has built for herself the identity of a countrywoman, however, her writing does not stick to the themes of the countryside; it is extremely cosmopolitan, approaching the core of human tensions, many of them result of symbolic violence assimilated daily, as defined by Pierre Bourdieu (2002). Once published, she uses fictionality to give voice to narrators and characters who denounce the misery and inequality of the Brazilian population in a bitter and crude way. In the light of the ideas of Reis (1992) on the canon, Dalcastagnè (2012) about the place occupied by women in front of the literary market and Zolin (2009) on literature of female authorship, among other scholars, this work proposes to approach the literary work of Dinorath do Valle in *O vestido amarelo*, from 1976, with the aim of evidencing the quality of her narrative.

Keywords

Female Literature; Narrative; Exclusion; Violence.

Recebido em: 21/03/2018.

Aceito em: 22/04/2018.